

Civilização, tronco de escravos: Um protesto radical pela liberdade integral

MOURA, Maria Lacerda de. *Civilização, tronco de escravos*. Patrícia Lessa e Cláudia Maia (orgs.). São Paulo/SP: Editora Entremares, 2020.

Nabylla Fiori de Lima*

Chamamos de visionárias aquelas que, atentas às questões da sua época, teciam críticas que nos servem dezenas ou mesmo centenas de anos depois. Entretanto, trata-se, muitas vezes, de pessoas que souberam analisar tão bem o presente que nele captaram as centelhas que acendem outros fogos no futuro. Assim é a obra de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e é assim que recebemos a nova edição lançada pela editora Entremares da obra *Civilização, Tronco de Escravos*, organizada pelas pesquisadoras e professoras Patrícia Lessa e Cláudia Maia, ambas historiadoras com amplas pesquisas relacionadas às lutas das mulheres e com trabalhos já desenvolvidos sobre a anarquista brasileira.

Civilização, tronco de escravos é a segunda obra de Maria Lacerda de Moura lançada pela editora Entremares, que também já publicou uma nova edição de *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (2018) e recentemente lançou a obra *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura* (2020), de Patrícia Lessa.

A capa da nova edição retoma uma litografia do artista suíço Théophile-Alexandre Steinlen (1859-1923). Em *L'exode* (1915), Steinlen retrata o deslocamento das populações marginalizadas após ataques em períodos de guerras, reforçando a crítica de Maria Lacerda de Moura em sua obra.

Maria Lacerda acompanhou a implementação da república no Brasil e esteve em contato com os movimentos operários de seu período, inclusive contribuindo em diversos periódicos. A educadora e escritora brasileira nasceu em Manhuaçu (MG), mas se formou e trabalhou como professora em Barbacena (MG) e se mudou para a capital paulista na década de vinte do século passado. Inicialmente, participou de associações femininas que tinham como uma de suas lutas centrais a reivindicação do sufrágio feminino. Entretanto, percebeu que apesar das diferenças da realidade vivenciada pelas mulheres nas cidades em que passou, a condição de exploração e submissão se repetia. A luta pelo sufrágio universal mostrou-se insuficiente para dar conta dessas questões.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Aproximou-se, então, do anarquismo. Sua preocupação com a emancipação humana - e não apenas das mulheres - levou-a a críticas profundas sobre a organização da sociedade vigente. Entretanto, na sua percepção acurada do presente, constatou que a revolução se inicia em cada um. Parte de indivíduos que, conscientes da sua responsabilidade na construção coletiva da sociedade e da sua interrelação com os demais indivíduos, modificam-se a si mesmos e constroem outras realidades possíveis.

Suas obras abordam temas diversos. Educação, amor plural (uma forma ainda mais ampla de amor livre), neomalthusianismo, antimilitarismo, espiritualidade, antifascismo além de críticas à sociedade capitalista industrial, ao servilismo voluntário, bem como à crença no progresso científico, tecnológico e econômico. Para a educadora, a aliança entre clero, Estado e capital formavam o emaranhado em que se apoiava a moral burguesa, alimentava o capitalismo e tornava os indivíduos escravos - não somente do trabalho ou da organização social, mas de si mesmos, de modo a sustentarem e reproduzirem a ordem econômica e social em vigência.

Nos últimos anos, temos acompanhado uma nova onda de resgate das obras da anarquista brasileira, através de pesquisas acadêmicas e reedições de algumas das suas obras. O lançamento da segunda edição de *Civilização, tronco de escravos* pousa num presente marcado pelo avanço institucional da direita e um ressurgimento de discursos fascistas que, todavia, nunca se apagaram completamente. As críticas de Maria Lacerda permitem-nos olhar para a organização da sociedade de modo amplo e a sua radicalidade é resultado de seu olhar minucioso do presente, que consegue perfurar as questões e chegar nas células mais profundas de cada questão. Embora carregue questões que necessitam de certa atualização, nos fornece bases para a crítica do presente.

A obra em questão teve a sua primeira edição publicada em 1931, pela editora Civilização Brasileira, num período entreguerras e de ascensão do nazi-fascismo. Nela, Maria Lacerda de Moura tece contundentes críticas ao desenvolvimento científico e tecnológico tão atrelado ao desenvolvimento bélico e suas ramificações nas relações sociais. Além disso, é uma forte defesa do seu anarquismo individualista, cujo foco está na edificação de uma subjetividade libertária que, entretanto, se baseie no apoio mútuo com os demais seres.

Civilização, tronco de escravos traz como epígrafe uma frase do filósofo estóico Epicteto: “Vigia a tua vida e não renuncies por nada ao teu livre arbítrio; não imites a esses maus comediantes que só podem cantar em coro”. O estoicismo foi uma das grandes referências da autora: é daí a sua noção de “escravo”, presente do título da sua obra. O

escravo, na concepção dos antigos gregos, diz respeito àqueles que, além de serem governados por outros, em quaisquer dimensão da vida, são também escravos dos próprios prazeres, conforme afirma a autora: “a concepção de liberdade é subjetiva e quem se escraviza à moral social [...] é escravo do ambiente em que vive e servil aos seus próprios prejuízos” (MOURA, 2020, p. 128).

A civilização, para a autora, seria “um Everest de ciência aplicada à indústria, a rolar por sobre a vida de todo gênero humano” (p. 66), produzindo como frutos de seu tronco indivíduos escravos da moral social e de si mesmos, seguidores do “rebanho social”. Esse “incêndio voraz denominado civilização ou progresso” (p. 110), baseado no privilégio e na brutalidade, tem na ciência e na tecnologia instrumentos para a dominação e destruição de todos os seres. Radicalmente contrária à vivissecção, contradição entre a ciência e a vida, a libertária lamenta: “Não posso compreender a ciência intervindo no aperfeiçoamento dos meios do homem extorquir dinheiro de outro homem, valendo-se da cirurgia, no atentado à vida fisiológica dos animais sadios” (p. 43).

Nos capítulos iniciais da obra, a autora tece críticas ferrenhas às bases da ciência moderna e seus desdobramentos. Como afirma no título de um capítulo, para ela, a ciência estaria *a serviço da degenerescência humana*. Esta é uma forte crítica para o período: havia um amplo debate em relação à questão da degeneração, e teorias científicas eram desenvolvidas a fim de combatê-las. O campo científico hegemônico, apostava na civilização burguesa como o ápice da evolução humana. A crítica de Maria Lacerda de Moura, entretanto, aponta para a crueldade presente nas práticas científicas e nas consequências do desenvolvimento tecnológico com fins bélicos.

Por conseguinte, o cirurgião francês Serge Voronoff (1866-1951) representa, para a Maria Lacerda, um símbolo da sua época. Sendo assim, nesta obra, a autora lhe dedica três capítulos criticando ferozmente suas ideias. Em seus estudos, Voronoff trazia a defesa de que a transplantação de testículos dos animais mais jovens em animais mais velhos poderia auxiliar estes na recuperação do vigor perdido. Dessa forma, Voronoff propunha a transplantação de massa testicular de macacos a fim de aumentar a vitalidade dos humanos. Prática esta, considerada um “vampirismo” pela anarquista brasileira. Ademais, a autora afirmava ainda que estas pesquisas estariam a serviço da exploração capitalista: “Voronoff vai enxertar os animais para aumentar o rendimento industrial dos rebanhos” (p. 53).

Maria Lacerda não nega o desenvolvimento científico e tecnológico em si, entretanto defende uma “ciência da felicidade”, “uma razão que saiba fechar os olhos para sonhar e trazê-los bem abertos para dominar os impulsos inferiores - sem julgar pecado ou

imoralidade o que a natureza exige das criaturas para a perfeita harmonia do corpo e da mente” (p. 133).

Aposta, portanto, em uma educação libertária, apresentada em obras anteriores, como por exemplo *Renovação* (1919) e em diversos artigos em periódicos anarquistas. A educação, nessa sociedade, teria a função de domesticar, “acarneirar” os indivíduos, adormecer a razão e sufocar-lhes a liberdade interior:

Clero e Capital, Governo e Militarismo dão-se as mãos em uma aliança incondicional através do “freio” religioso posto na mulher e através da educação da infância, na qual a sabedoria sacerdotal põe toda a sua ciência maquiavélica, amoldando, cinzelando, burilando e imprimindo na alma da criança e da juventude o selo de infame que azinhavra as consciências, amordaça a mente, envenena os sentimentos de prejuízos e convenções e ídolos que constituem o maior e mais sério empecilho à evolução humana (p. 108).

A organização social capitalista é descrita pela educadora como um “vasto bordel em que se compram e vendem todos os sentimentos e as mais nobres aspirações, o Amor e a Consciência” (p. 30). A prostituição também recebe duras críticas por parte de Maria Lacerda, que acusa a moral burguesa que institui o casamento como norma, ao passo que subjuga outras mulheres ao trabalho, tão necessário à moral burguesa, da prostituição. Assim, teriam os homens roubado das mulheres o direito de viverem “a plenitude de suas forças e das suas necessidades, o direito de ser dona de seu próprio corpo e senhora dos seus instintos” (p. III). Além disso, valorizam a virgem, mas riem da “solteirona”. Sem hierarquizar os problemas sociais, para a anarquista brasileira, o cafetão seria tão condenável quanto os acionistas das usinas de guerra.

Na relação que aponta entre Estado, clero e capital, Moura cita o general inglês J.H.Morgan, para quem “a guerra só desaparecerá quando deixar de ser um negócio” (p. 85). A autora acusa a possível transformação das indústrias “mais inocentes” em armas de guerra: adubos, fábricas de tintas, os gases produzidos nas mais diversas indústrias... “A técnica moderna”, afirma ela, “está em saber aproveitar tudo no momento preciso, e transformar toda a indústria em potencial fabricante de material bélico” (p. 84).

Criticou severamente o interesse das finanças internacionais nos conflitos bélicos, constituindo o que ela chamou de “Internacional Armamentista”. Os fabricantes de armas, aponta a autora, muitas vezes lucram com conflitos em seus próprios países. No mesmo sentido, o desenvolvimento da indústria bélica obriga o operário a ganhar seu pão

fabricando armas que serão utilizadas para atacá-lo e a seus irmãos, na intenção do Estado de assegurar a “ordem” e a dominação.

Contrária às revoluções violentas, Maria Lacerda defendia como único meio de combater esta organização social, a objeção de consciência, seja recusando o serviço militar, negando o trabalho na fabricação de armamentos, ou na proteção aos objetores e assistência aos desertores. Às mulheres caberia a sua emancipação através da educação juntamente à resistência passiva: a greve dos ventres, com vistas à maternidade consciente (conceito desenvolvido em outras obras da autora, como *Religião do Amor e da Belleza* (1929) e *Amai e... não vos multipliqueis* (1932)). Lembremos também que Moura publicou *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso me...* (1933), em que, como o título indica, critica a suposta “emancipação” feminina devido à sua entrada no mundo bélico.

Em suas críticas à formação de “rebanho” da sociedade moderna capitalista, no capítulo *boa sorte – cadeia* perpétua, Moura recusa uma corrente recebida, que prometia boa sorte àqueles que a repassavam. Maria Lacerda desconfia da promessa e faz críticas àqueles que repassam mensagens sem raciocinar ou questionar o que está escrito, questão tão recente nas *fakenews* dos dias atuais. Nesse sentido, para a educadora, a missão da ordem social em vigência seria a de imbecilizar aos indivíduos.

Polêmica, Maria Lacerda também critica o carnaval. Não discorda que ele é um instrumento de revolta. Entretanto, “não reivindica direitos mais altos” (p. 131), ao passo que se apresenta como uma “válvula de escape necessária ao equilíbrio da moral social de compreensão e de servilismo aos prejuízos estabelecidos” (p. 130). O mais importante, então, seria buscar “a suprema alegria da liberdade integral” (p. 128).

Além dos quinze capítulos que integram a primeira edição da obra, a nova edição conta com uma apresentação das organizadoras, um prefácio de Diva do Couto Gontijo Muniz, historiadora engajada na historiografia das mulheres e suas experiências, e três crônicas de Maria Lacerda de Moura publicadas no jornal *O Malho* entre os meses de Outubro de 1935 e Março de 1936: *Animaes selvagens... Animaes domesticos...*; a crônica altamente irônica, intitulada *Saudades da minha infancia... Da minha infancia querida...*; e uma crônica a respeito do amor, cujo título apresenta um dos lemas da autora: *Só para amar foi feita a vida...*

Para o anarquismo individualista proposto por Maria Lacerda de Moura, a crítica à organização social e do trabalho não basta. A melhoria nas condições materiais de vida da classe trabalhadora não é suficiente ao seu projeto revolucionário. Que as necessidades básicas sejam supridas é condição básica e inegociável, mas conjuntamente a isto, importa

que os indivíduos busquem também a sua felicidade - e se responsabilizem por isso. Não é possível, assim, uma reestruturação ética e uma vida plena na convivência com desigualdades sociais. Todavia não são caminhos que se trilham separados, nem se deve colocar ênfase em um e postergar o seguimento do outro. É necessário o cruzamento entre uma crítica econômica e uma crítica ética.

A obra de Maria Lacerda de Moura cumpriu esse papel. Em seus escritos, a anarquista afirmou a necessidade de revolucionar toda a sociedade, e para isso, recusou a violência implícita nos discursos e práticas civilizatórias em busca do “progresso”. O exercício do saber científico deveria estar alinhado à prática do apoio mútuo e da solidariedade. Viver de modo libertário seria uma tarefa para o agora, numa constante reinvenção de si e do seu entorno, a fim de edificar uma nova cultura da natureza e do viver que não alimentem os ciclos de dominação que fundamentam essa sociedade.

Nesse sentido, *Civilização, tronco de escravos* apresenta-se, em sua nova edição, como uma obra de grande relevância para as reflexões atuais, e tem a sua importância reforçada através das considerações de Patrícia Lessa, Cláudia Maia e Diva do Couto Gontijo Muniz. O acréscimo das três crônicas ao final da edição, possibilita-nos o encontro com outra face de Maria Lacerda de Moura. A atualidade dos seus pensamentos pulsa nas lutas do presente e ecoa nos anseios daqueles/as que sonham mundos de liberdade.

Recebido em: 02 de setembro de 2021.

Aprovado em: 20 de setembro de 2021.